

# Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002)

## Inclusion and treatment of phraseological units in the Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002)

Carolina Fernandes Alves\*

---

**RESUMO:** Este trabalho se dedica a verificar como se dá a inclusão e o tratamento de unidades fraseológicas (UFs) no Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002). Como metodologia, utilizamos os critérios de análise propostos por Silva (2011) e Tristán Pérez (1997), bem como aplicamos testes em falantes nativos do português brasileiro com o objetivo de qualificar a análise em relação às questões de registro, variação e delimitação das UFs. A análise demonstrou que o DUPB apresenta bastante coerência quanto ao tratamento lexicográfico das UFs analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraseologia. Lexicografia. Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002).

**ABSTRACT:** This paper verifies the way in which phraseological units (PUs) are included in the Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002). Regarding the methodological procedures, the analysis criteria outlined by Silva (2011) and Tristán Pérez (1997) were used, and tests were applied to native speakers of Brazilian Portuguese to qualify the record, variation and delimitation of PUs analysis. The analysis demonstrates that DUPB is fairly consistent in the lexicographical treatment of the analyzed PUs.

**KEYWORDS:** Phraseology. Lexicography. Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002).

---

### 1. Introdução

Segundo Silva (2011), a inclusão de unidades fraseológicas (doravante UFs) em dicionários é uma prática extremamente antiga, estando presente já nos primórdios da lexicografia de língua portuguesa, por exemplo. Entretanto, a autora menciona que, com o passar do tempo, a prática lexicográfica não incorporou os avanços obtidos pelos estudos no campo da Fraseologia<sup>1</sup>, havendo, dessa forma, uma dissociação entre Fraseologia e Lexicografia. Portanto, apesar da tradição de registrar UFs nos dicionários, o tratamento lexicográfico das combinatórias léxicas é um tema ainda obscuro para os estudos do léxico.

Considerando que o dicionário cumpre um papel de orientação idiomática bastante importante em uma comunidade linguística e que a fraseologia é um fato ontológico da linguagem, merecendo, por isso, ser registrada em obras lexicográficas, este estudo encontra-

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>1</sup> Adotaremos neste trabalho a escrita em letra maiúscula para os termos que designam áreas de estudos, tais como Fraseologia, Lexicografia, Linguística, etc.

se no âmbito da evidente interface entre Fraseologia e Lexicografia, dentro do campo da Fraseografia, “disciplina linguística que se ocupa dos princípios teóricos e práticos que regem a inclusão da fraseologia em obras lexicográficas” (SILVA, 2011, p. 164). Nosso objetivo foi analisar como o Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002) apresenta as UFs a seus potenciais usuários. A escolha desta obra se justifica pelo fato de ser um diferencial na lexicografia brasileira no que diz respeito à delimitação explícita da sincronia e do léxico a serem abrangidos (o português brasileiro usado entre as décadas de 50 e 90), bem como ao emprego de uma teoria linguística subjacente à concepção do dicionário (a Gramática de Valências)<sup>2</sup>.

Foram selecionadas para análise 50 UFs do *Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas* (ZOCCHIO; BALLARDIN, 1999), todas pertencentes ao grupo de expressões idiomáticas, isto é, UFs cujas principal característica é a não composicionalidade semântica (o significado do todo não é obtido pelo significado das partes da expressão, o que as caracteriza como metafóricas). Dessas, 27 foram encontradas registradas no dicionário (cf. anexo 1). Porém, uma delas (*lixar-se*) não é tratada como fraseologia<sup>3</sup> na obra, de forma que utilizamos 26 UFs em uma pequena pesquisa realizada com 40 falantes nativos de língua portuguesa<sup>4</sup> (de diversos níveis de escolaridade e não especialistas em linguística) com o objetivo de qualificar a análise em relação às questões de registro, variação e delimitação das UFs. Para tanto, realizamos duas atividades (cf. anexos 2 e 3): na primeira, os informantes deveriam ler as definições correspondentes a 11 UFs (as quais gostaríamos de analisar quanto aos aspectos de variação e delimitação, pois verificamos diferenças quanto a esses aspectos na comparação do dicionário de Zocchio e Balardin com o DUPB) e escolher a opção que, particularmente, mais costumam usar. Caso a opção não estivesse arrolada, o falante poderia escrever outra opção de uso. Já na segunda atividade (cujo objetivo foi averiguar a questão do registro), deveriam

---

<sup>2</sup> Originalmente, a Teoria das Valências foi criada por Tèsniere (1959). Entretanto, Borba (1996) e também Busse; Vilela (1986) adaptaram-na à língua portuguesa.

<sup>3</sup> *Lixar-se* (ou *se lixando*, como está, literalmente, no dicionário de Zocchio e Balardin) não recebe o tratamento de UF no DUPB (2002) por tratar-se da forma pronominal do verbo. A rigor, o significado de *lixar-se* é considerado apenas uma acepção coloquial do verbo, assim como pode ser inferido do modo como consta o verbete no DUPB (2002). É por isso que decidimos não incorporá-lo na análise.

<sup>4</sup> Gostaríamos de salientar como perspectiva para um trabalho futuro a pertinência de aumentar a amostra recolhida com o intuito de obter resultados mais representativos e que, de fato, nos permitam fazer observações mais específicas do que as que são feitas neste artigo, cujo foco não é, especificamente, a pesquisa com informantes, que foi apenas um complemento para que nenhuma afirmação fosse feita com base apenas em nossa introspecção.

escolher a palavra pela qual buscariam saber o significado de cada uma das 26 UFs apresentadas. Os anexos 4 e 5 apresentam os resultados das atividades.

Este artigo está estruturado em 5 seções principais. A partir de uma discussão preliminar sobre a fraseologia como uma ontologia linguística, expomos a Fraseologia como problema teórico para a lexicografia para, em seguida, apresentar a inclusão de UFs como um problema metodológico para esta área. Posteriormente, elencamos alguns critérios de análise propostos por Silva (2011) e Tristán Pérez (1997) para, então, iniciar a análise, cuja seção divide-se em 5 pontos (os quatro primeiros relacionados à microestrutura<sup>5</sup> da obra): a) concepção de fraseologia; b) marcas diassistemáticas; c) paráfrases explanatórias; d) exemplos; e) variação e delimitação de UFs.

## 2. A percepção da Fraseologia como inerente às línguas naturais

Uma das propriedades mais características da linguagem é a *recursividade*. Não obstante o termo tenha sido incorporado à Linguística no âmbito da sintaxe<sup>6</sup>, também é perfeitamente possível empregá-lo em outros níveis de organização da língua, como o fez Martinet (1964) ao chamar esse princípio de *dupla articulação da linguagem* para caracterizar a relação de recursividade que se estabelece entre fonemas e morfemas. No âmbito léxico, por outro lado, alguns linguistas, há bastante tempo, já observavam esse fenômeno, questionando-se sobre se a língua estaria composta somente de palavras “isoladas”. Bréal (1897, p. 258) abordou essa noção ao afirmar que “uma língua não se compõe apenas de palavras: compõe-se de grupos de palavras e de frases”. Nessa mesma esteira, Bally (1951, p. 66) afirma que, “na língua materna, a assimilação dos fatos da linguagem é feita por associação e esses agrupamentos podem ser passageiros, mas, à força de sua repetição, podem adquirir um caráter usual e formar unidades indissolúveis<sup>7</sup>”. No Curso de Linguística Geral (CLG, 2006 [1916]), de Saussure, também é possível notar que a noção da recursividade subjaz à concepção saussuriana de sintagma:

---

<sup>5</sup> A *microestrutura* é o termo que designa as informações relacionadas à forma e ao significado dos lemas, tais como as informações de classe gramatical, gênero, definição (ou paráfrase explanatória) e exemplos.

<sup>6</sup> Para uma abordagem detalhada sobre a origem do termo nos estudos da linguagem, cf. Marcilese (2011).

<sup>7</sup> [Dans la langue maternelle, l'assimilation des faits de langage se fait surtout par les associations et les groupements peuvent être passagers, mais, à force d'être repetés, ils arrivent à recevoir un caractère usuel et à former même des unités indissolubles.]

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua (...). Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas *sintagmas*. (CLG, 2006 [1916], p. 142)

(...) a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras). (CLG, 2006 [1916], p. 143)

Ainda sobre esse aspecto da linguagem, Coseriu (1980), por sua vez, distingue entre *técnica livre* e *discurso repetido*. A *técnica livre* “corresponde aos elementos constitutivos da língua, assim como às regras *atuais* necessárias para a sua modificação e combinação”, ou seja, é a combinatória *ad hoc* que se estabelece entre duas ou mais palavras. Já o *discurso repetido*, por sua vez,

corresponde a tudo aquilo que na língua de uma dada comunidade se repete de forma mais ou menos idêntica, isto é, como um discurso já constituído, ou como uma combinação fixa, como fragmento curto ou longo de algo *já dito* (grifo no original) (COSERIU, 1980, p. 107).

Acerca do fenômeno da fraseologia, em primeiro lugar, as observações dos estudiosos acima citados são extremamente valiosas para pensá-lo como uma ontologia linguística. Em segundo lugar, uma questão diferente são os procedimentos metodológicos pelos quais se detectam e classificam UFs. Portanto, é possível afirmar que as observações que reconhecem a existência da recursividade no plano léxico correspondem a um questionamento no plano ontológico da linguagem. A descrição e classificação de unidades fraseológicas, por outro lado, pertence ao plano da metodologia linguística, e é justamente esse o ponto em que a fraseologia se torna um problema teórico e metodológico para a Lexicografia, como veremos nas seções a seguir.

### 3. A Fraseologia como um problema teórico para a Lexicografia

A fim de distinguir entre ontologia linguística e metodologia linguística, Baldinger (1977) propõe a tríade *língua objeto*, *metalinguagem de primeiro nível* e *metalinguagem de segundo nível*. A *língua objeto* é a atividade linguística desenvolvida por todos os indivíduos. Já a *metalinguagem de primeiro nível* corresponde à capacidade de converter a língua em objeto dela mesma. Como falantes nativos de português, por exemplo, nos encontramos no âmbito da metalinguagem de primeiro nível quando formulamos o enunciado “a palavra cachorro se

escreve com *ch*”. Uma criança em fase de alfabetização também se encontra nesse mesmo plano metalinguístico quando elabora hipóteses acerca da grafia das palavras, algo que a permite pensar que “cachorro se escreve com *x*” (\*caxorro). Isso é o que Coseriu (1980) chama de *atividade humana universal*, ou seja, a capacidade que todos nós temos de formular hipóteses sobre nossa língua materna a partir do que o *sistema* da língua nos disponibiliza. Por essa razão, pode-se dizer que tal atividade corresponde a um fato ontológico da linguagem. Por fim, a *metalinguagem de segundo nível* diz respeito à metodologia linguística, isto é, à perspectiva com que se analisam fatos linguísticos de acordo com um construto teórico-metodológico, âmbito em que se encontra a Linguística e suas subáreas, como a Lexicografia.

Não obstante se saiba que os falantes “repetem discursos”, no plano da análise e classificação dos fatos linguísticos, isto é, a metalinguagem de segundo nível, é necessário um modelo teórico-metodológico para esse fim, residindo aí a dificuldade em lidar com a fraseologia como ontologia e, ao mesmo tempo, como objeto de estudo. Obviamente, esse construto sempre oferecerá uma visão parcial na medida em que toda teoria, essencialmente, é limitada em certo sentido.

Há uma dificuldade com que justamente as investigações linguísticas mais importantes e engenhosas amiúde se confrontam: muito embora tenhamos uma impressão muito clara e convincente de algo que percebemos a partir do efeito geral de uma língua, ainda assim são fadadas ao fracasso todas as tentativas de identificar esse algo como uma exposição que seja suficientemente completa e que o delimite em conceitos específicos (HUMBOLDT, 2006 [1836], p. 105)

Ao desenhar um dicionário semasiológico, o lexicógrafo encontra-se frente a uma dicotomia: ao mesmo tempo em que a obra é estruturada com ênfase na *técnica livre*, é preciso lidar com a existência do *discurso repetido* como fato ontológico da linguagem. Em outros termos, embora palavras como *rodar, ir, bater, nascer, morrer, baiana, mala, bota, gelado*, por exemplo, façam parte da *técnica livre* da língua portuguesa, podendo compor a macroestrutura<sup>8</sup> de um dicionário, a realização dessas mesmas palavras em formações como *rodar a baiana, ir de mala e cuia, bater as botas, estupidamente gelado, o que nasce torto morre torto*, faz parte do *discurso repetido* do português e, dada sua condição de fato de *norma* (no sentido coseriano do termo), precisa de alguma maneira estar no dicionário. Contudo, delimitar os padrões

---

<sup>8</sup> A *macroestrutura* é o conjunto de lemas que compõem um dicionário, podendo também ser chamada de *nominata*.

combinatórios de uma língua, demarcando fronteiras entre eles, é uma tarefa extremamente difícil, exigindo um posicionamento teórico-metodológico bem definido por parte dos pesquisadores em Fraseologia e também dos lexicógrafos.

No entanto, os dicionários gerais de língua portuguesa revelam “desconhecimento da Teoria Lexical, Gramatical e Linguística” (BIDERMAN, 2003, p. 61), o que interfere também no tratamento que conferem às UFs. Normalmente, a abordagem das UFs é extremamente genérica nessas obras, desde a orientação para a consulta (no *Front Matter*<sup>9</sup> da obra) até o tratamento lexicográfico das UFs propriamente dito. Não se trata, obviamente, de expor ao consulente da obra uma minuciosa e exaustiva taxonomia das UFs de sua língua (a não ser que o dicionário esteja voltado a um estudioso da área), mas sim de construir uma taxonomia que permita gerar um modelo de tratamento das UFs dentro da obra e, por conseguinte, orientar o usuário quanto à consulta das unidades pluriverbais, uma vez que seus diferentes subtipos não possuem as mesmas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, conforme apontam Corpas Pastor (1996) e Tagnin (2013), por exemplo. Nesse sentido é que se pode comprovar a dissociação Fraseologia – Lexicografia mencionada por Silva (2011), pois a lexicografia brasileira ainda não demonstra ter usufruído dos inúmeros contributos oriundos dos estudos em Fraseologia (não necessariamente brasileiros).

Acreditamos, portanto, que a dificuldade em delimitar o discurso repetido com vistas à elaboração de uma obra lexicográfica deve-se, primeiramente, à sua natureza ontológica dentro das línguas naturais, o que inibe a elaboração de modelos totais e demanda a opção por uma perspectiva teórica e metodológica de análise, descrição e registro. Além disso, a dificuldade em estabelecer critérios para essa tarefa provém também das divergências acerca do conceito de *fraseologia* e do seu objeto de estudo apresentadas pelos autores que se dedicam ao tema, conforme defende Corpas Pastor (1996, p. 16). Definições bastante genéricas e até mesmo circulares como “fraseologia é a ciência que estuda os fraseologismos” (WELKER, 2004, p. 162) até outras, mais complexas, como a oferecida por Silva (2011, p. 162)<sup>10</sup>, demonstram o quão ampla e multifacetada é essa matéria, na qual cada teórico busca um melhor ponto de vista

---

<sup>9</sup> O *Front matter* é o componente canônico introdutório das obras lexicográficas. Segundo Fornari (2008, p. 3), ele “esquematiza, organiza e explica os conteúdos do dicionário, o que só é possível na medida em que se têm parâmetros, princípios ou regras que garantam coerência aos componentes do dicionário”, servindo como “um ponto de comunicação entre o consulente, o lexicógrafo e o próprio dicionário” (FORNARI e BUGUEÑO MIRANDA, 2006, p. 248).

<sup>10</sup> “disciplina linguística que tem por objeto de estudos certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente, sob o termo *unidades fraseológicas* (doravante UF), ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado, entre outras características”.

(mais ou menos amplo) a partir do qual olhar o seu objeto. No entanto, Corpas Pastor (1996) aponta para certa homogeneidade quanto ao emprego do termo *fraseologia* (*Fraseologia*, para efeitos deste trabalho) para designar o estudo das combinatórias léxicas. O problema propriamente dito encontra-se em delimitar seu objeto de estudo, as combinatórias (ou fraseologias), que são de diferentes tipos. Nesse campo, a autora nos apresenta um panorama das diferentes designações atribuídas às combinações de palavras na tradição espanhola, tais como *expresión pluriverbal*, *expresión fija*, *unidad fraseológica*, *fraseologismo*, etc, às quais podemos adicionar *frase feita*, *expressão idiomática*, *locução*, entre tantos outros termos empregados em língua portuguesa. Entretanto, ela opta por usar *Unidade Fraseológica* (UF) como o termo mais geral atualmente empregado (na tradição europeia) para designar unidades pluriverbais, termo também adotado no presente trabalho, como já se pode perceber.

Embora muitos tenham sido aqueles que tentaram elaborar uma taxonomia geral de UFs<sup>11</sup>, a complexidade do tema praticamente impõe a tendência dos estudos fraseológicos em focar tipos específicos de UFs, claro está que não por precariedade intelectual, senão por opção teórico-metodológica, tendo em vista a multiplicidade de variáveis (muitas vezes incompatíveis entre si) a considerar no momento de gerar um construto teórico-metodológico. Alonso Ramos (1997), por exemplo, trata das locuções com verbo suporte, enquanto Ruiz Gurillo (1998) se ocupa das locuções adverbiais, Bevilacqua (2004) das UFs especializadas, Morales Pettorino (2007) das locuções comparativas (assim como Xatara, 1994), Fuenzalida (2007) das locuções verbais com estrutura verbo + objeto direto e Beneduzzi (2008) com as colocações substantivo+adjetivo.

#### 4. A inclusão de UFs no dicionário como um problema metodológico

A inclusão de UFs em um dicionário apresenta-se como problema metodológico em relação aos principais componentes canônicos da obra lexicográfica: macroestrutura, medioestrutura<sup>12</sup> e microestrutura. Trata-se de um problema macroestrutural basicamente no que diz respeito, em primeiro lugar, à delimitação da UF. A característica mais marcante (e

---

<sup>11</sup> Corpas Pastor (1996), no primeiro capítulo de seu “Manual de fraseología española”, após elencar a diversidade terminológica em relação à fraseologia, bem como características gerais que identificariam as UFs, menciona as taxonomias de Casares (1992 [1950]), Coseriu (1964), Thun (1978), Zuluaga (1980), Haensch (1992) e Carneado Moré; Tristán Pérez (1985) antes de propor a sua. Tagnin (2013) também propõe uma taxonomia geral de UFs, assim como Schlaefer (2002) e Hausmann (2007).

<sup>12</sup> A *medioestrutura* é o termo que designa o sistema de remissões utilizado em um dicionário.

unânime) das UFs é a plurilexicalidade. Entretanto, no que concerne à delimitação dos itens léxicos que compõem uma UF, essa característica não é tão óbvia. Em *pagar o pato*, por exemplo, não há problemas quanto a identificar que a soma dessas três unidades significa algo como “sofrer as consequências por algo que não fez”. Entretanto, deve-se delimitar a UF como *em maus lençóis* ou *estar em maus lençóis*? Qual deve ser o limite para *de papo pro ar* ou *estar/ficar de papo pro ar*? No caso de UF constituídas por preposição, o problema da delimitação é ainda maior, demandando uma discussão teórica a respeito, o que não será aprofundado aqui em detrimento do escopo do trabalho. Conforme afirma Tristá Pérez (1997), o equívoco em determinar os componentes de uma UF pode modificar sua categoria gramatical (uma UF com função de advérbio apresentada como verbal, por exemplo) e, adicionamos, pode também comprometer a descrição linguística, acarretando uma possível interferência na visão dos fatos de norma por parte do usuário. Em outras palavras, corre-se o risco de fazer uma descrição que não condiz com a realidade linguística.

Em segundo lugar, a inclusão de UF no dicionário apresenta uma série de problemas em relação à estrutura de acesso. Como são unidades pluriverbais, a primeira decisão a ser tomada diz respeito a estabelecer em qual palavra será registrada a UF. *Dar o passo maior que a perna*, por exemplo, dependendo da decisão adotada pelo lexicógrafo, pode estar arrolada sob os lemas *dar*, *passo* ou *perna*, pela primeira palavra plena (no caso, *dar*), pela palavra considerada o “centro semântico” da unidade (que, dependendo do ponto de vista do lexicógrafo, pode ser o verbo) ou por uma preferência de classe gramatical (que varia de língua para língua e de dicionário para dicionário). É possível também que constitua um lema independente, seguindo a ordenação alfabética do dicionário, ou, ainda, porém menos frequente, pode ser registrada em todos esses lemas (o que isenta o uso de remissões, mas, em contrapartida, aumenta o tamanho da obra)<sup>13</sup>. Cada lexicógrafo opta por uma solução distinta para esse problema imediato, não havendo apenas uma forma através da qual o usuário possa consultar toda e qualquer obra. Nesse aspecto em particular, é indispensável a explicitação, no *Front Matter* do dicionário, dos critérios pelos quais as UFs foram registradas.

Outro problema que concerne à macroestrutura é o registro de variantes. *Colocar os pingos nos is* e *colocar os traços nos tês* são UFs variantes, pois podem ser usadas indistintamente, sem acarretar mudança de significado e inclusive de estrutura sintagmática

---

<sup>13</sup> Na seção “critérios para a análise da inclusão de UFs em dicionários”, abordaremos algumas implicaturas para a consultabilidade da obra em relação ao tipo de registro escolhido.

(*Hoje é dia de colocar os pingos nos is* possui o mesmo conteúdo proposicional e a mesma estrutura sintática que *Hoje é dia de colocar os traços nos tês*). Entretanto, torna-se um problema metodológico para o dicionarista decidir se, na condição de variantes, elas serão registradas juntas, sob algum lema que compartilham, como *colocar*, nesse caso, ou, se, por outro lado, cada uma seguirá outro critério previamente estabelecido, como, por exemplo, fazer o registro de UFs em todos os lemas ou por preferência de classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, etc.). Nesse caso, se o substantivo for a classe gramatical preferencial, *colocar os pingos nos is* e *colocar os traços nos tês* poderão ser arroladas, respectivamente, em *pingos* e *traços*. E, se registradas separadamente, como fazer o usuário saber que são formas variantes? Resolver tal questão terá uma consequência imediata na concepção medioestrutural da obra. Ao optar pelo registro isolado de variantes, o lexicógrafo terá que investir em remissões, deixando à escolha do usuário utilizá-las ou não, pois remissões são, de certa forma, um ônus para a consulta (pelo menos nos dicionários impressos). Além disso, se, por exemplo, *dar o passo maior que a perna* estiver sob o lema *perna*, há a grande probabilidade de que um consulente “desavisado” (seja pela ausência de informações no *Front Matter*, seja por tê-lo ignorado, o que é bastante comum) possa buscá-la no lema *passo*, no lema *dar* ou até mesmo em *maior*. Assim, a configuração do sistema de remissões também deve ser considerada na concepção da obra.

Em relação à microestrutura, as UFs são um problema no que toca ao *comentário semântico*<sup>14</sup>, mais especificamente no que diz respeito à paráfrase explanatória e às marcas e notas de uso. Como dito anteriormente, as UFs são unidades pluriverbais. Entretanto, o significado de muitas delas não é obtido pela soma do significado de suas partes. *Rodar a baiana*, por exemplo, não significa, literalmente, que alguém toma uma baiana pela mão e a gira, assim como *bater as botas*, significando *morrer*, não se trata de que, literalmente, antes de morrer (ou como sinal da morte), o indivíduo toca uma bota na outra. Sendo assim, a explanação do significado desse tipo de UF é imprescindível em uma obra lexicográfica. Não basta que as palavras *rodar* e *baiana* estejam lematizadas para que se entenda o significado de *rodar a baiana*. Poder-se-ia pensar, em contraposição, nos exemplos como potenciais substitutos da paráfrase quanto à elucidação do significado, o que é bastante questionável, pelo menos da maneira como hoje são fornecidos exemplos nas obras lexicográficas. Se analisarmos em dicionários os exemplos referentes a *bater as botas*, facilmente podemos concluir que um

---

<sup>14</sup> O comentário semântico faz parte da microestrutura do dicionário e engloba a definição, marcas e notas de uso e os exemplos.

consultante que não saiba o significado dessa UF, dificilmente o depreenderá somente do exemplo oferecido pela obra consultada.

<b>bater</b> <i>V</i> ★ (...) <b>bater a</b> (s)	<b>bota</b> <sup>1</sup> [Do fr. <i>Botte</i> ] (...) ◆
<b>bota</b> (s) (...) <i>Um bocado</i>	<b>bater a bota</b> (...) <b>bater as</b>
<i>deles já bateu as botas.</i> (...)	<b>botas</b> (...) “recebeu um tiro na costela e <u>bateu as botas</u> ali mesmo na estrada” (...)
DUPB (2002, <i>s.v. bater</i> )	Aurélio (2009, <i>s.v. bota</i> )

Figura 1

## 5. Critérios para a inclusão de UFs em dicionários

Como vimos, há pelo menos cinco formas de incluir UFs em uma obra lexicográfica: sob a primeira palavra plena, em todas as palavras plenas, por força semântica, por preferência de classe gramatical ou, finalmente, como lema propriamente dito<sup>15</sup>. Tristán Pérez (1997) afirma que tais possibilidades podem basear-se em critérios formais, semânticos ou gramaticais. Por critério formal entende-se a incorporação da UF no verbete correspondente à primeira palavra plena de sua estrutura. Não obstante seja um critério extremamente simples para o lexicógrafo, apresenta uma dificuldade de consulta ao usuário, uma vez que

este busca xeralmente no dicionario a palabra que non coñece e non o fraseoloxismo na súa totalidade, do cal, em moitos casos, descoñece os límites e, polo tanto, a primeira palabra plena. (TRISTÁN PÉREZ, 1997, s/p)

Outra restrição ao uso desse critério formal apontada por Tristán Pérez (1997) diz respeito à possibilidade de mudanças na estrutura das UFs. A inversão de um componente em um texto pode motivar a consulta a partir de outra palavra que não aquela considerada pelo dicionarista (a partir dos dados por ele obtidos) como a primeira palavra plena da unidade. Na opinião da autora, o critério formal que garantiria ao usuário total acesso à informação seria o registro da UF em cada uma das palavras plenas que a constituem. Entretanto, em se tratando de dicionários

<sup>15</sup> Essa forma de inclusão não foi mencionada por Tristán Pérez (1997). Porém, tendo em vista a prática lexicográfica brasileira, julgamos pertinente adicioná-la.

impressos, essa é uma realidade muito distante, pois acarreta o aumento das proporções físicas da obra.

De acordo com Tristá Pérez (1997), o registro das UFs também pode ser feito sob a palavra considerada o “centro semântico” da unidade. Entretanto, esse é um critério extremamente subjetivo, pois tanto o lexicógrafo como o usuário, enquanto falantes nativos de uma língua, podem ter uma percepção completamente distinta sobre qual é a palavra semanticamente mais “forte” em uma UF. Conforme aponta, outra possibilidade, menos subjetiva, é a inclusão da UF naquela palavra menos polissêmica ou menos usual que a conformam. Entretanto, segundo afirma a autora, a utilização adequada de tal critério dependeria fortemente de um estudo de frequências atrelado à concepção da obra. Além disso, de maneira fundamental, o usuário deveria ser informado sobre como proceder com a busca.

Por fim, há o critério gramatical segundo o qual, na opinião de Tristá Pérez (1997), a organização das UFs parece ser a mais prática tanto para o lexicógrafo quanto para o consulente, pois as UFs são registradas com base em uma ordem de preferência de classes gramaticais. Para o espanhol (e também para o português), língua da qual trata a linguista, essa ordem é substantivo>verbo>adjetivo>advérbio. O ônus de consulta evidente da utilização desse critério é o fato de que nem todos os usuários sabem identificar formalmente (não intuitivamente, é claro) o que é um advérbio, por exemplo.

Também se trata de um critério gramatical a inclusão de UFs na obra lexicográfica como lemas independentes. Para isso, como a própria designação elucida, esses agrupamentos devem possuir autonomia, tal qual uma palavra. Normalmente, na lexicografia brasileira, enquadrar-se nesses casos aquelas unidades plurilexicais cujo status oscila entre palavras compostas e UFs, tais como *casa da sogra*, *banho de mar*, *dor de cotovelo*, *dedo-duro*, etc.

Acima, falamos sobre os critérios utilizados para o registro das UFs. Em relação ao seu posicionamento dentro do verbete, Tristá Pérez (1997) aponta três formas de fazê-lo: integração, não integração e anexação. As duas primeiras, mais raras, são utilizadas em dicionários cuja preocupação centra-se na diacronia dos signos-lemma, incluindo-se as UFs. Dessa forma, as UFs são registradas imediatamente após a acepção da qual derivaram semanticamente, o que caracteriza o critério de integração. Entretanto, há casos em que não há relação evidente entre a UF e seu étimo (em grande parte porque a motivação das UFs se perde ao longo do tempo). Assim, as UFs seguem sendo registradas junto às acepções, mas com alguma marca tipográfica que saliente ao consulente que dada UF não está integrada à acepção

imediatamente anterior. Por último, está o critério mais comumente utilizado na prática lexicográfica. A anexação arrola as UFs totalmente separadas das acepções correspondentes ao signo-lema, normalmente no final do verbete. Assim como salienta Tristá Pérez (1997), muito embora esse não seja o critério mais interessante para um estudioso do léxico, que busca encontrar em uma obra lexicográfica uma riqueza de detalhes a respeito da relação semântica entre as UFs e as acepções das palavras, para o falante comum da língua, trata-se do critério mais prático em termos da localização da UF. No entanto, os problemas relacionados às distintas maneiras de consulta, salientados anteriormente, não desaparecem com a utilização desse critério. Aliás, poderíamos pensar na hipótese de que o amplo uso de que dele é feito atualmente na lexicografia pode revelar muito mais que praticidade, mas também uma incipiência no que diz respeito ao tratamento mais adequado que as UF merecem ter dentro de um produto lexicográfico, aspecto que, inevitavelmente, passa pela necessidade em delimitar os tipos de UFs existentes. E, novamente, se mostra evidente a dissociação entre Fraseologia e Lexicografia.

No que toca ao que deve ser analisado em um dicionário em relação à inclusão de UFs na obra, Silva (2011) elenca alguns parâmetros básicos:

- 1) A concepção de fraseologia apresentada pela obra (como são definidos os termos fraseológicos e quais informações são fornecidas no *Front Matter* da obra a esse respeito);
- 2) A seleção quantitativa e qualitativa das UFs<sup>16</sup>;
- 3) O lema das unidades, atentando para os critérios de registro dos lemas (também apontado por Tristá Pérez (1997)) e o grau de homogeneidade destes critérios. Aqui entram análises a respeito das variantes, por exemplo.
- 4) A lematização e a ordenação das UFs e das acepções (também elencado por Tristá Pérez, 1997);
- 5) A qualidade das definições apresentadas;
- 6) O uso de marcas gramaticais e diassistemáticas, sua coerência e pertinência;
- 7) O uso de exemplos de acordo com as funções que desempenham em uma obra lexicográfica.
- 8) As informações sobre relações semânticas entre as unidades (sinonímia, antonímia, etc.), critério intimamente relacionado à questão da variação.

---

<sup>16</sup> Nesse caso, Silva (2011) propõe que sejam comparadas as quantidades de palavras simples em relação à quantidade de UFs presentes na obra, assim como a representatividade das UFs registradas. Porém, este critério, assim como o de número 4, não poderá ser utilizado neste trabalho em virtude de questões relativas ao tempo que sua aplicação requer, bem como à utilização de ferramentas eletrônicas que auxiliem no processo, o que demandaria uma pesquisa à parte.

A partir dos critérios expostos por Tristá Pérez (1997) e por Silva (2011) (exceto os critérios 2 e 4), procederemos a seguir com a análise do tratamento lexicográfico das UFs no DUPB (2002).

## 6. As UFs no DUPB (2002): análise dos dados

### 6.1. Concepção de Fraseologia e a orientação para a consulta

Ao consultar os termos concernentes ao âmbito da Fraseologia no dicionário em estudo, assim como nos recomenda Silva (2011), seria possível dizer que a análise revelou a diversidade terminológica existente na área, bem como a falta de uma precisão conceitual a respeito, assim como uma espécie de generalização nas paráfrases explanatórias. Buscamos as entradas das palavras *fraseologia*, *frase feita*, *locução*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *idiotismo*, *dito*, *ditado*, *provérbio*, *adágio*, *máxima* e *colocação*. Dessas doze, não encontramos *expressão idiomática*, *idiomatismo* e *colocação*. Em relação às demais, as paráfrases explanatórias são extremamente breves e simples, podendo ser plenamente questionáveis do ponto de vista de um especialista em Fraseologia. O termo *fraseologia*, por exemplo, é definido como um *conjunto de frases*. Já *frase feita* possui uma paráfrase explanatória sinonímica que a relaciona com *chavão*, *clichê*. Algumas, ainda, trabalham com uma relação de sinonímia entre *dito*, *ditado*, *provérbio*, *adágio* e *máxima*, o que também poderia ser problemático para um estudioso na área. Entretanto, considerando que o dicionário por inteiro foi concebido a partir da análise de um *corpus* que privilegia o português usado no Brasil entre as décadas de 50 e 90, dando ênfase à prosa literária e jornalística das principais capitais do país (cf. ALVES, 2012), acreditamos não ser possível cobrar desta obra a precisão conceitual que se esperaria de um dicionário de Fraseologia, por exemplo, mesmo porque, asseverando o recém exposto, as paráfrases explanatórias, assim como todos os segmentos informativos do dicionário, são fruto de dados obtidos via *corpus* e não apenas da introspecção dos lexicógrafos. Portanto, pensamos que o lugar para se verificar a precisão conceitual fundamentada teoricamente em uma obra lexicográfica é no *Front Matter*, e não na *nominata*.

A propósito desse segmento informativo no DUPB (2002), segundo o que nele consta brevemente, são consideradas entradas independentes palavras simples, compostas e, conforme terminologia empregada pelos autores, *expressões*, ou seja, “grupos complexos autônomos” (DUPB, 2002, p. VI) não introduzidos por artigo, tais como *gente grande*, *boca de siri* e *casada-sogra*. Já todas as construções dependentes, a saber, as iniciadas por preposição e artigo, os

sintagmas verbais fixos e as conjunções complexas, foram registradas como subentradadas, assim como as chamadas “frases feitas” (também denominadas pela obra como *ditos* ou *provérbios*). Em todos os casos de agrupamentos dependentes, afirma-se que a busca deve ser realizada a partir da palavra “núcleo do sintagma”:

de pernas pro ar entra em pernas; às vezes entra em vez; dar moleza [=facilitar], dar murro em ponta de faca [=insistir inutilmente], dar para o gasto [=ser suficiente] entram em dar; afim de que entra em fim; assim que, logo que, salvo se entram em assim, logo e salvo, respectivamente (DUPB, 2002, p. VII)

A análise revelou que esse critério é seguido coerentemente nas UFs selecionadas. Das 26 UFs analisadas, 18 estão registradas sob verbos, 5 sob nomes simples e 3 são lemas independentes (cf. anexo 1). A pesquisa com informantes mostrou que 16 UFs seriam procuradas pelos potenciais usuários pela mesma palavra que a empregada pelo DUPB (2002), ao passo que as 10 restantes não. Dessas, é necessário destacar que *chá-de-cadeira*, *peixe fora d'água* e *tempestade em copo d'água* não seriam procuradas como lemas independentes, tal como aparecem no dicionário. Isso poderia comprovar a crença de que a obra lexicográfica organiza o léxico de uma língua palavra a palavra, não sendo comum registrar como lema unidades compostas por mais de uma palavra<sup>17</sup>. Além disso, alguns falantes não marcaram nenhuma das opções, mas sugeriram outras palavras pelas quais procurariam saber o significado das UFs apresentadas (cf. anexo 5). O curioso é que as palavras sugeridas não compõem as UFs (para *bater as botas* foi sugerido *morte/morrer*, para *quebrar o galho*, *ajudar*, etc.) o que revela uma tendência pela onomasiologia no momento da busca.

Referente à alocação das UFs, assim como a maioria dos dicionários de língua portuguesa, o DUPB (2002) as inclui ao final do verbete, após o símbolo “▶”, utilizando o critério de anexação (cf. TRISTÁ PÉREZ, 1997), conforme o exemplo abaixo.

**quebrar** V ★ [Ação-processo] [Compl: nome concreto não animado] 1 reduzir a pedaços; partir; fragmentar: *Tobias pôs-se a quebrar copos e garrafas* (CE) 2 danificar; pôr fora de funcionamento: *fomos quebrar o jornal comunista* (SAR) 3 fazer entortar-se ou curvar-se: *quebrava agilmente a direção pisando no acelerador* (TPR) [...] ▶ **quebrar a cabeça** esforçar-se em reflexões: *Eu não teria que matutar tanto, quebrar a cabeça* (TA); *É autodidata e aprendeu quebrando a cabeça* (VEJ)

<sup>17</sup> Ao serem indagados sobre se UFs são registradas em dicionários, muitos falantes responderam que não, alegando não saberem que, normalmente, elas se encontram ao final dos verbetes.

**quebrar a cara** bater em: *quebrou a cara do homem* (CAN); *O delegado se fingindo imparcial, dando uma demão na tarefa dos que queriam me quebrar* (ALF) **quebrar o galho** ajudar a remediar situações: *Veja só, a esta hora da noite, estou aqui quebrando o galho* (BB); *Quem manda pegar gente que não é de circo só pra quebrar o galho* (COR) **quebrar o gelo** interromper um silêncio incômodo: *Há uma pausa incômoda. A criada saiu para buscar a xícara. Vera procura quebrar o gelo* (MD) **quebrar o pau** haver briga ou confusão: *foguetes, “sputiniks”, o pau quebrando pra todo lado* (ES) (DUPB, 2002, s.v. *quebrar*)

## 6.2. Marcas diassistemáticas

Segundo Zanatta (2010, p. 146;148), as chamadas marcas de uso fazem parte do nível pragmático, que o dicionário tenta contemplar. Segundo a autora, por uma parte, têm-se as indicações relativas à norma linguística propriamente dita, ou seja, as notas de uso, e, por outra, as informações que auxiliam o consulente a não empregar a língua inadequadamente no contexto sócio-comunicativo em relação ao qual necessita adequar-se, isto é, as marcas de uso<sup>18</sup>. A autora lembra que a questão do emprego das marcas de uso é um tema ainda pouco explorado pela metalexigrafia, acarretando a diversidade de tipos de marcação nos dicionários. *Gíria, chulo, tabuísmo, formal, informal, pejorativo, jocoso, familiar, desusado*, entre outras, são algumas marcas de uso comumente encontradas em dicionários<sup>19</sup>.

Segundo Farias (2011, p. 133), o tema dos pós-comentários (notas de uso) é também pouco explorado, carecendo de estudos que delimitem parâmetros formais para o emprego dessa estrutura no dicionário<sup>20</sup>. Apesar das marcas e notas de uso serem pouco exploradas, sua funcionalidade e importância são evidentes (principalmente em um dicionário de uso), posto que o consulente, ao buscar uma palavra, “saberá que se trata de uma palavra cujo uso está restrito ou é mais adequado a determinados contextos” (ZANATTA, 2010, p. 149). Assim, para os fins da metalexigrafia, torna-se complicado proceder com uma análise que almeje verificar a correspondência entre o que a obra afirma realizar e o que, de fato, realiza. Infelizmente, é o

---

<sup>18</sup> Também podem ser denominadas marcas diassistemáticas, uma vez que assinalam os eixos do diassistema nos quais a língua varia.

<sup>19</sup>Conforme Hausmann (1989 *apud* WELKER 2004, p. 131), as marcas de uso podem dividir-se em a) diacrônicas (relativas ao tempo); b) diatópicas (relativas ao espaço geográfico); c) diaintegrativas (para assinalar estrangeirismos); d) diamediais (para diferenciar linguagem oral e escrita); e) diastráticas (relativas ao nível social); f) diafásicas (relativas à diferença entre linguagem formal e informal); g) diatextuais (restringir palavra ou aceção a um determinado gênero textual); h) diatécnicas (relativas a palavras pertencentes a tecnoletos); i) diafrequentes (marcas como *raro, obsoleto*); j) diaevaluativas (relativas à atitude do falante: *pejorativo, eufemismo*); k) dianormativas (relativas à indicação do uso adequado em relação à língua padrão).

<sup>20</sup> Farias (2011) esboça de uma proposta interessante sobre o tratamento dos pré- e pós-comentários em uma obra lexicográfica.

que acontece com o DUPB (2002). Dentre as 27 UFs registradas, apenas *bater as botas* e *lixar-se* possuem a marca *coloq.* (coloquial) (cf. anexo 1), ao passo que outras, tais como, *quebrar o galho*, *pisar na bola*, *pentear macaco*, entre muitas outras, têm uma evidente coloquialidade. Tendo em vista que muitas UFs possuem restrições de uso, consideramos a carência de marcas de uso extremamente prejudicial quanto à orientação idiomática oferecida ao potencial usuário da obra.

### 6.3. Paráfrases explanatórias

O segmento informativo principal em uma obra lexicográfica é a paráfrase explanatória. É por meio dela que os falantes podem sanar suas dúvidas quanto ao significado das palavras e, também, de combinações de palavras, uma vez que, em muitos casos, a somatória dos significados das partes de uma combinação léxica não corresponde ao seu significado como unidade, carecendo, por isso, como dito anteriormente, de uma definição. Nas UFs encontradas no DUPB (2002), verificamos que o dicionário emprega paráfrases explanatórias breves, objetivas e eficientes, em nossa opinião. Exemplo disso são as definições “atingir o objetivo” (para *acertar na mosca*), “resolver um problema difícil” (para *descascar um abacaxi*), “fazer companhia a namorados” (para *segurar (a) vela*), etc. Em duas UFs, *bater as botas* e *pisar na bola*, a paráfrase explanatória foi ainda mais simplificada, optando-se pelo uso da sinonímia (*morrer* e *falhar*), o que consideramos bastante apropriado nesses casos, pois não faria sentido explicar analiticamente o significado de *morrer* e *falhar* se esses verbos são certamente tão conhecidos pelos falantes nativos da língua portuguesa.

Na primeira acepção de *chá-de-cadeira*, a paráfrase explanatória, na verdade, não define o significado propriamente dito da UF em questão, mas descreve o contexto em que ela é empregada<sup>21</sup>, assim como na paráfrase explanatória de *uma mão lava a outra*<sup>22</sup>, na qual se explica a finalidade com que tal UF é usada. Ambas as paráfrases, portanto, foram construídas em metalinguagem de signo, o que não é propriamente um demérito, embora o segmento informativo mais adequado a esse tipo de informação seria o pós-comentário semântico.

Finalmente, a paráfrase explanatória de *pentear macaco* é também uma UF (sinônima): *ir às favas*. Nesse caso, corre-se o risco de que o consulente não saiba o significado de *ir às*

<sup>21</sup> “Situação em que fica uma moça quando, num baile, espera inutilmente ser convidada para dançar.” (DUPB, 2002, s.v. *chá-de-cadeira*)

<sup>22</sup> “Usada para atestar ou exortar à ajuda mútua” (DUPB, 2002, s.v. *uma mão lava a outra*).

*favas*, o que demandaria uma nova busca. E, no caso do DUPB (2002), ele não encontraria essa unidade registrada na obra.

#### 6.4. Exemplos

Conforme Farias (2008, p. 102), a lexicografia carece de metodologias que convertam o exemplo num segmento funcional para o consulente<sup>23</sup>, ou seja, em uma informação discreta e discriminante<sup>24</sup> dentro da obra, já que o fato de um dicionário apresentar exemplos, não o torna, *a priori*, uma ferramenta qualitativamente melhor. A autora (*ibid.*, p. 101) define que o exemplo pode servir para complementar a definição, para apresentar contextos sintáticos, para introduzir informações culturais ou para atestar a ocorrência de palavras ou acepções. Em um dicionário semasiológico, esse segmento informativo pode auxiliar na compreensão (tornando mais clara a definição) ou na produção (apresentando os contextos sintáticos ao levar em conta as possíveis dificuldades do usuário).

Os trabalhos de Atkins e Rundell (2008), Farias (2008), Humblé (2001 *apud* Pontes, 2010), Lara (1992, *apud* Garriga Escribano, 2003), entre outros, atribuem aos exemplos funções bastante semelhantes, sendo possível listar as principais, que possuem um papel fundamental na descrição do uso: a) atestar a ocorrência de uma palavra em um contexto real; b) complementar a definição; c) ilustrar padrões gramaticais; d) introduzir informações culturais; e) distinguir um significado de outro; f) mostrar colocações típicas; g) indicar registros apropriados de níveis estilísticos; h) indicar restrições de uso; i) fornecer modelos para produção.

Uma das características do DUPB (2002) é oferecer exemplos para toda acepção registrada, o que ocorre também com as UFs. A análise dos exemplos das combinatórias encontradas no DUPB (2002) mostra que as funções *a* e *b* se cumprem plenamente porque, além de todos os exemplos serem provenientes de um corpus (justificando *a*), atestam a realização do significado descrito na paráfrase (justificando *b*). Porém, outras funções não se cumprem em virtude de nosso objeto de estudo, que tem um comportamento diferenciado das

---

<sup>23</sup>A autora ressalta que, em muitos casos, a preocupação em distinguir exemplo de abonação sobrepõe-se à discussão das questões referentes à função e geração de exemplos.

<sup>24</sup>Conforme Bugueño Miranda; Farias (2006, p. 118 e 120), uma informação discreta é aquela “efetivamente relevante ao consulente”, já uma informação discriminante é aquela que permite “ao leitor tirar algum proveito em relação ao uso ou ao conhecimento da língua”. Para que as informações presentes em um artigo léxico sejam funcionais, devem ser, concomitantemente, discretas e discriminantes.

palavras “isoladas”. Sobre esse particular, quanto à função *c*, é inegável que todo exemplo ilustra algum padrão gramatical. Das 26 UFs registradas pelo dicionário, a maioria são locuções verbais cujo padrão mais comum é [V+SN] (cf. anexo 1), por exemplo. Porém, se este padrão não se encontra marcado no comentário de forma, como é o caso do DUPB (2002), não se pode verificar uma sistematização explícita a esse respeito. Quanto à função *e*, ela não se cumpre porque casos de polissemia de UFs são muito raros, ao contrário do que ocorre com itens léxicos que não conformam UFs. De maneira semelhante, os exemplos referentes às expressões idiomáticas não podem atestar colocações típicas, pois essas são outro tipo de UFs. As funções *d*, *g*, *h* ficam extremamente prejudicadas pela ausência quase total de marcas ou notas de uso nas unidades registradas, cabendo ao consulente saber usar sua intuição para delimitar restrições de uso e registro.

Outro aspecto verificado foi o emprego de outras UFs nos exemplos, como no caso de *chá-de-cadeira*, *uma mão lava a outra* e *soltar a franga*. Na primeira, o exemplo traz a variante *chá de banco*<sup>25</sup>. Na segunda, *quebrar o galho*<sup>26</sup> e, na terceira, *tapar o sol com a peneira*<sup>27</sup>. Isso seria um problema caso o usuário não conhecesse as UFs registradas nos exemplos, necessitando buscá-las também no dicionário para então poder compreendê-los. Além disso, acerca da ocorrência de *quebrar o galho* na UF *uma mão lava a outra*, há uma relação semântica entre elas bastante clara. Se pensarmos em termos de relações sintagmáticas (cf. Saussure, 2006 [1916]), ou até mesmo em um *frame* (cf. Fillmore, 1982), ambas estão envolvidas com a ideia de *favor* (fazer um favor). Porém, avaliar essa questão como um problema metodológico da obra seria fundamentar a crítica na exigência por uma minúcia descritiva bastante acurada por parte do lexicógrafo. Marcar as relações semânticas entre os itens lexicais, tendo que priorizar certas informações imprescindíveis, atendendo às limitações editoriais, tais como o número de páginas, caracteres por verbete, etc., tornam essa tarefa bastante complexa, muito embora fosse louvável qualquer intento nesse sentido.

---

<sup>25</sup>“E, depois de infinitas pernadas e numerosos chás-de-cadeira e banco, reapareceu rindo com o atestado de saúde” (DUPB, 2002 s.v. *chá-de-cadeira*).

<sup>26</sup>“Pois olha, uma mão lava a outra. Se você me quebrar esse galho, dou o presente que você merece” (DUPB, 2002 s.v. *uma mão lava a outra*).

<sup>27</sup>“Enquanto aqui no Brasil alguns de seus executivos mais antigos ainda pretendem “tapar o sol com a peneira”, a subsidiária australiana da Shell já soltou a franga e caiu de boca no franchising” (DUPB, 2002 s.v. *soltar a franga*).

## 6.5. Variação e delimitação

No que diz respeito às relações semânticas entre UFs, é preciso diferenciar variação de sinonímia. Segundo Corpas Pastor (1996), para que UFs sejam consideradas variantes, devem: a) ocorrer dentro da mesma língua funcional; b) não apresentar diferenças de significado; c) serem livres e independentes de seus contextos de ocorrência; d) serem parcialmente idênticas na estrutura e nos componentes e e) serem fixas. Portanto, seriam variantes, por exemplo, *procurar pêlo/cabelo em ovo* ou *meter/trocar os pés pelas mãos*. Por outro lado, seriam sinônimas aquelas UFs que, apesar de se referirem ao mesmo significado, não partilham componentes, como *bater boca* ou *lavar roupa suja*, *resolver um pepino* ou *descascar um abacaxi*, etc. Em geral, a variação é mais fácil de ser marcada nos dicionários. Entretanto, a marcação da sinonímia requer uma concepção medioestrutural mais robusta, pois caberia ao sistema de remissões interligar as UFs no que diz respeito ao seu significado. Ao menos na lexicografia brasileira, esse procedimento não é comum.

No DUPB (2002), das 26 UFs investigadas, para 4 delas (*bater a(s) bota(s)*, (*ter, estar com a faca e o queijo (na mão)*), *entrar bem/em fria/pelo cano*, *pintar e bordar/ pintar o caneco / o sete / pintar o diabo*) são oferecidas variantes<sup>28</sup> (cf. anexo 1), que apresentaram bastante frequência nas escolhas dos participantes da pesquisa (cf. anexo 4). Na pesquisa realizada, 24 outras opções foram apontadas pelos participantes como sinônimas das UFs apresentadas no teste (cf. Anexo 4). Porém, além de muitas não possuírem caráter de UF (*isso!*, *devagar*, *tédio*), revelando a dificuldade que muitas vezes os falantes têm em delimitar conscientemente algo tão intuitivo como o uso de UFs, nenhuma se repetiu. No entanto, algumas são, de fato, sinônimas ou variantes das UFs em análise, tais como *passar dessa pra melhor* e *vestir o paletó de madeira* como sinônimas de *bater as botas* e *ir pelo cano* como variante de *entrar pelo cano*. No entanto, os sinônimos e variantes apontados não se encontram registrados no dicionário, muito provavelmente porque não tiveram frequência no *corpus* que o originou.

No que toca à variação, acreditamos que, em maior ou menor grau, está intimamente ligada à delimitação das UFs. *Acertar na mosca e na mosca*, por exemplo, são variantes porque a delimitação da unidade, em alguns casos, inclui o verbo, e em outros não. Se pensarmos, por

---

<sup>28</sup> Segundo os critérios de Corpas Pastor (1996), *pintar e bordar* seria UF sinônima das variantes *pintar o caneco / o sete / pintar o diabo*. Porém, o Front Matter do DUPB (2002) não informa a respeito da diferenciação entre variação e sinonímia. Aparentemente, essa distinção não é feita, sendo priorizada apenas a característica de que podem ser usadas com o mesmo significado.

sua vez, em *engolir sapo* e *engolir (em) seco*, trata-se mais de um problema de variação léxica do que de delimitação, uma vez que não há como delimitar a unidade sem o verbo *engolir*, por exemplo. A maioria das variantes assinaladas pelos informantes coincide com aquelas registradas no DUPB (2002). Gostaríamos, no entanto, de fazer algumas observações acerca de algumas delas, que estão mais relacionadas com sua delimitação.

Em (*ter, estar*) *com a faca e o queijo (na mão) e segurar (a) vela*, os parênteses indicam a opcionalidade de uso<sup>29</sup> de alguns itens lexicais. Nossa investigação mostrou que a maioria dos falantes participantes da pesquisa costuma usar *com a faca e o queijo na mão e segurar vela*. O caso de *com a faca e o queijo na mão* representa um típico problema de delimitação por tratar-se de um sintagma preposicionado, isto é, seu emprego está atrelado ao uso de algum verbo. Então, a pergunta que imediatamente se coloca é se o dicionário deveria registrar também o(s) verbo(s) que normalmente ocorrem com as combinatórias identificadas (assim como fez o DUPB (2002) nesse caso) e, mais profundamente, se o verbo faria parte da unidade. Tristán Pérez (1997) defende que, nos casos de UFs que tenham alguma preposição<sup>30</sup> como constituinte, os verbos devem ser prescindidos do registro, tendo em vista que vários verbos podem acompanhar determinada locução adverbial, como *coger/estar/sorprender/ver/pillar/atrapar/agarrar con las manos en la masa*, em língua espanhola. Entretanto, é fato que *con las manos en la masa* (e também seu equivalente em português, *com as mãos na massa*) sempre ocorre na companhia de um verbo. Sendo assim, é lícito questionar-nos se registrar somente *com as mãos na massa* corresponderia a um fato de norma ou apenas a uma escolha metodológica.

De qualquer forma, consideramos muito adequada a solução adotada pelo DUPB (2002). Ao mesmo tempo em que é possível inferir que a UF é limitada pela forma *com a faca e o queijo*, o consultante tem acesso a itens lexicais que frequentemente ocorrem com essa UF (os verbos *ter* e *estar* e a locução *na mão*). Por outro lado, a título de comparação, em *acertar na mosca*, o dicionário inclui o verbo como parte da UF, muito provavelmente porque a frequência da combinatória do verbo com o sintagma preposicionado tenha sido mais representativa no *corpus* consultado do que apenas *na mosca*, mesmo porque a combinatória com outros verbos resultaria estranha (*\*alvejar a mosca, \*atingir a mosca, \*alcançar a mosca,*

---

<sup>29</sup> Em *bater a (s) bota (s)* também vemos os parênteses. Entretanto, consideramos essa UF como um caso estrito de variação (de número), sem acarretar problema quanto ao seu limite.

<sup>30</sup> Ainda acerca das preposições, Silva (2011) discute se as preposições em locuções do tipo *tomar pé em* e *pedir a mão de são*, de fato, parte da UF ou apenas parte importante para reconhecer o seu funcionamento, questionando se devem ou não ser marcadas no dicionário.

etc.). Os falantes entrevistados mostraram preferência pelo uso de *acertar na mosca*, assim como está no dicionário. O mesmo ocorre em *meter os pés pelas mãos* e *bater as botas*. Nessa UF, o verbo empregado, indiscutivelmente, faz parte da unidade, pois, além de já estar plenamente institucionalizada (não sendo possível empregar no lugar de *bater* algum verbo como *golpear*), uma delimitação que excluísse o verbo não faria sentido como UF (\*as botas). Já naquela, há a possibilidade de algumas variações léxicas, entre verbos e os componentes nominais da unidade, como atestou nossa pesquisa ao mostrar que a maioria dos falantes marcou *trocar os pés pelas mãos*, muito embora alternativas como *enfiar os pés pelas mãos* e *meter as mãos pelos pés* também tenham sido assinaladas. Apesar dessa divergência em relação ao registro do dicionário, podemos notar que, para ambos, falantes e obra, parece haver uma tendência em incluir um verbo nos limites dessa unidade.

Outro caso, oposto aos acima mencionados, diz respeito ao sintagma *de pé atrás*, em que não houve marca de opcionalidade pelo uso de um ou outro item lexical, tampouco a delimitação da unidade abarcando algum verbo. Em nossa pesquisa, os falantes preferiram delimitar a unidade como *com o pé atrás*, estando em segundo lugar *ficar com o pé atrás*. De fato, parece que há uma recorrência de uso da unidade *com o pé atrás* (cujo significado é o mesmo que *de pé atrás*) em conjunto com o verbo *ficar* ou até mesmo *estar*. Entretanto, pela abonação apresentada pelo DUPB (2002)<sup>31</sup>, é possível ver que outros verbos, além de *ficar* ou *estar*, poderiam ser combinados com esta UF (*perguntar de pé atrás*, *falar de pé atrás*, *defender-se de pé atrás*, etc.). Assim, podemos concluir que a marca de opcionalidade é usada no dicionário em análise quando as possibilidades de combinatória são mais restritas, tal como em (*ter, estar*) *com a faca e o queijo (na mão)*. A consequência imediata é que a ausência dessa marca implica uma gama maior de possibilidades disponíveis aos falantes. A questão é se esse mecanismo será ou não percebido pelos usuários da obra.

## 7. Comentários finais e perspectivas futuras

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de verificar como se dá a inclusão e o tratamento de UFs no DUPB (2002), obra singular na lexicografia de língua portuguesa por motivos já expostos anteriormente. Antes disso, entretanto, discutimos a inclusão de UF em uma obra lexicográfica do ponto de vista teórico e metodológico, o que é imprescindível em

---

<sup>31</sup> “Tio Janjão foi perguntando de pé atrás” (DUPB, 2002, s.v. *de pé atrás*).

um trabalho deste tipo. Baseados nos critérios de Tristá Pérez (1997) e Silva (2011), em conjunto com a pesquisa realizada com 40 falantes nativos do português brasileiro, acreditamos que o dicionário analisado, em geral, procede de maneira bastante coerente com os fatos de norma desta língua funcional. A maioria das UFs de nosso *corpus*, de amplo uso no português do Brasil, consta na obra. Além disso, a orientação para a busca é extremamente clara, assim como os critérios de registro, que são seguidos adequadamente. As paráfrases explanatórias e os exemplos constituem-se como informações discretas e discriminantes na maioria dos casos analisados. Há casos de variantes e sinonímia, embora não sejam marcadas distintamente na obra, que as agrupou juntas, pois possuem o mesmo significado. Pode-se dizer que o único ponto fraco que, de fato, faz diferença quanto à orientação idiomática oferecida pela obra tenha sido a ausência quase total de marcas diassistemáticas, sobretudo se se considera que um dos objetivos da obra é “estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o próprio uso da língua” (DUPB, 2002, p. VI).

Como perspectivas futuras, apontamos, primeiramente, a necessidade de ampliar o estudo realizado com falantes nativos, a fim de que futuras análises quanto às paráfrases explanatórias e às estratégias de busca possam ser mais aprofundadas, contribuindo para o desenvolvimento de estudos que contemplem as áreas da Lexicografia e Metalexigrafia e também da Fraseologia e da Fraseografia. Em segundo lugar, salientamos a necessidade de estudar especificamente a concepção macroestrutural (quantitativa e qualitativa) de uma obra lexicográfica a fim de avaliar a pertinência da inclusão de UFs. Por fim, o contraste entre as obras canônicas disponíveis no mercado brasileiro (Aurélio, Houaiss, Michaelis), incluindo o DUPB (2002) e também o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2004), acerca da inclusão e do tratamento de UFs nos âmbitos macro, micro e medioestruturais pode servir como um panorama extremamente útil para uma visão de conjunto da Fraseologia na lexicografia feita no Brasil, sendo possível também verificar quais tipos de UF comumente são registradas nas obras lexicográficas.

### Referências Bibliográficas

ALONSO RAMOS, M. Coocurrencia léxica y descripción lexicográfica del verbo DAR: hacia un tratamiento de los verbos soportes. *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Ed. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1997.

ALVES, C. F. **Os dicionários de uso no Brasil: o caso do DUPB (2002) e do DUPC (2004).** 2012. 108f. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ATKINS, B. T.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to Practical Lexicography.** London: Oxford University Press, 2008.

BALDINGER, K. **Teoría Semántica.** Madrid: Alcalá, 1977.

BALLY, C. **Traité de stylistique française. Action de l'instinct étymologique et analogique dans l'analyse des locutions composées.** Paris, 1951.

BENEDUZZI, R. **Colocações substantivo + adjetivo: propostas para sua identificação e tratamento lexicográfico em dicionários ativos português-espanhol.** 2008. 212f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BEVILACQUA, C. R. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar.** 2004. 241f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada- Léxico). Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, 2004. Disponível em: BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**, São Paulo, 47 (1): 53-69, 2003.

BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Usos do Português do Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BRÈAL, M. La historia de las palabras. In: **Ensayo de semántica.** Madrid: La España Moderna, 19[1897], p. 247-274.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n.18, p.115-135, 2006.

BUSSE, W.; VILELA, M. **Gramática de valências.** Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

CORPAS PASTOR, G. El ámbito de la fraseología. In: CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología española.** Gredos: Madrid, 1996, p. 14-52.

COSERIU, E. **Lições de Lingüística Geral.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

FARIAS, V. S. O exemplo como informação discreta e discriminante no artigo léxico. **Alfa**, São Paulo, n. 52, v.1, p. 101-122, 2008.

\_\_\_\_\_. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, p. 109-139, 2011. Disponível em <http://www.revel.inf.br/pt>. Acesso em 12/01/2014.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshing Publishing Co., 1982.

FORNARI, M. K. Conceção e desenho do front matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Revista Voz das Letras**, n.9, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/95.pdf>. Acesso em 10/01/2014.

\_\_\_\_\_; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Análise do dicionário de usos do português do Brasil. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, v.4, n.4, 2006.

FUENZALIDA, M. Unidades Fraseológicas de estructura verbo + objeto directo del ámbito semántico ‘hablar’ en el español popular e informal de santiago de chile: propuesta de una taxonomía sintático-semántica (primera parte). **Onomazien**, n. 15, p. 53-100. Disponível em: <http://www.onomazein.net/15/unidades.pdf>. Acesso em 10/12/2013.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, A. (org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editora Ariel, 2003.

HAUSMANN, F. J. **Collocations, phraesologie, lexicologie**. Études 1977-2007 et bibliographie. Aachen: Schaker Verlag, 2007.

HUMBOLDT, W. V. **Linguagem, Literatura e Bildung**. HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.). Florianópolis: UFSC, 2006.

MARCILESE, M. **Sobre o papel da língua no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores**: representação, recursividade e cognição numérica. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1964.

MORALES PETTORINO, F. **El español de Chile: estudios fônicos, gramaticales y léxicos**. Editorial Puntágeles: Valparaíso, 2007.

PONTES, A. L. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. **Filologia linguística do português**, n. 12, v. 2, p. 351-370, 2010.

RUIZ GURILLO, L. **La fraseología del español coloquial**. Ariel Practicum: Barcelona, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLAEFER, M. **Lexikologie und Lexikographie**. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

SILVA, M. E. O. de O. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. In: Ortíz Alvarez, Maria Luisa; Huelva Unternbäumen, Hnerique (orgs.). **Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes, 2011, p. 161-182.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas – inglês e português. São Paulo: Disal, 2013.

TESNIÈRE, L. **Èléments de syntaxe structurale**. Paris, Klincksieck, 1959.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. Organización do material fraseolóxico nun dicionario xeral: problemas e alternativas. **Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía – Centro Ramón Piñeiro**. Santiago de Compostela, 1997. s/p.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 1994.

ZANATTA, F. **A normatividade e seu reflexo em dicionários semasiológicos de língua portuguesa**. 2010. 270f. Dissertação (Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ZOCCHIO, M.; BALLARDIN, E. **Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas**. São Paulo: Editora DBA, 1999.

Artigo recebido em: 09.08.2014

Artigo aprovado em: 10.11.2014

## Anexo 1 - UFs selecionadas no Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas (ZOCCHIO; BALLARDIN, 1999) e seu registro no DUPB (2002).

	UFs selecionadas <sup>1</sup>	Lema de inserção no DUPB (2002)	Forma de registro no DUPB (2002)	Marcas diassistêmicas no DUPB (2002)
1	acertar na mosca	acertar	acertar na mosca	-
2	agasalhar o croquete	-	-	-
3	andar na linha	-	-	-
4	bater as botas	bater	bater a(s) bota(s)	coloq.
5	carta fora do baralho	-	-	-
6	chá de cadeira	chá-de-cadeira	chá-de- cadeira	-
7	chorar sob o leite derramado	-	-	-
8	chutar o balde	-	-	-
9	com a corda no pescoço	-	-	-
10	com a faca e o queijo na mão	faca	(ter, estar) com a faca e o queijo (na mão)	-
11	com a mão na roda	-	-	-
12	com minhoca na cabeça	-	-	-
13	com o pé atrás	pé	de pé atrás	-
14	descascar um abacaxi	descascar	descascar um abacaxi	-
15	encher linguiça	-	-	-
16	enfiar o pé na jaca	-	-	-
17	engolir sapo	engolir	engolir sapo	-
18	entrar pelo cano	entrar	entrar bem/em fria/pelo cano	-
19	fala com a minha mão	-	-	-
20	fumar uma bomba	-	-	-
21	joão sem braço	-	-	-
22	lavar as mãos	lavar	lavar as mãos	-
23	lixar-se	lixar	-	coloq.
24	mala sem alça	-	-	-
25	marcando touca	-	-	-
26	molhar o biscoito	-	-	-
27	pagar o pato	pagar	pagar o pato	-
28	pau na máquina	-	-	-
29	pedra no sapato	pedra	uma pedra no sapato	-
30	peixe fora d'água	peixe fora d'água	peixe fora d'água	-
31	pendurar as chuteiras	pendurar	pendurar as chuteiras	-
32	pentear macaco	pentear	pentear macaco	-
33	pintar o 7	pintar	pintar e bordar / pintar o caneco/ o sete/ o diabo	-
34	pisar em ovos	pisar	pisar em ovos	-
35	pisar na bola	pisar	pisar na bola	-
36	pôr a barba de molho	pôr	pôr a barba de molho	-
37	procurar pêlo em ovo	-	-	-
38	quebrar o galho	quebrar	quebrar o galho	-
39	quebrar o gelo	quebrar	quebrar o gelo	-
40	queimar o biscoito	-	-	-
41	segurar vela	segurar	segurar (a) vela	-
42	sem pé nem cabeça	pé	sem pé nem cabeça	-
43	soltar a franga	soltar	soltar a franga	-
44	tempestade em copo d'água	tempestade em copo d'água	tempestade em copo d'água	-
45	testa de ferro	-	-	-
46	tirar água do joelho	-	-	-
47	tirar o chapéu	-	-	-
48	trocar as bolas	-	-	-
49	trocar os pés pelas mãos meter os pés pelas mãos	meter	meter os pés pelas mãos	-
50	uma mão lava a outra	mão	uma mão lava a outra	-

<sup>1</sup> Para fins de consulta, foi necessário adaptar algumas unidades que estavam, por exemplo, no gerúndio, como *descascando abacaxi, trocando as bolas*, etc.

1) Leia as definições abaixo e escolha a opção que VOCÊ geralmente usa.

1	atingir o objetivo	a) acertar na mosca b) na mosca c) outra:
2	morrer	a) bater as botas b) bater a bota c) outra:
3	espera demorada e tediosa.	a) chá de cadeira b) chá de banco c) chá de espera d) outra:
4	ter amplo poder; ter vantagem total.	a) com a faca e o queijo na mão b) ter a faca e o queijo na mão c) estar com a faca e o queijo na mão d) ter a faca e o queijo e) estar com a faca e o queijo f) outra:
5	com prevenção; desconfiadamente.	a) com o pé atrás b) de pé atrás c) ficar com o pé atrás d) ficar de pé atrás e) estar de pé atrás f) estar com o pé atrás g) outra:
6	ter de suportar ou aceitar fato desagradável.	a) engolir sapo b) engolir em seco c) outra:
7	ser mal sucedido; dar-se mal.	a) entrar pelo cano b) entrar bem c) entrar numa fria d) outra:
8	1. fazer estrepolias ou travessuras; farrear em exagero. 2. fazer de tudo.	a) pintar o 7 b) pintar o caneco c) pintar e bordar d) pintar o diabo e) outra:
9	prevenir-se; acautelar-se.	a) pôr a barba de molho b) pôr as barbas de molho c) colocar as barbas de molho d) colocar a barba de molho e) deixar as barbas de molho f) deixar a barba de molho g) outra:
10	fazer companhia a namorados.	a) segurar vela b) segurar a vela c) outra:
11	atrapalhar-se; confundir-se.	a) trocar os pés pelas mãos b) trocar as mãos pelos pés c) meter os pés pelas mãos d) meter as mãos pelos pés e) enfiar os pés pelas mãos f) enfiar as mãos pelos pés g) outra:

2) Escolha a palavra pela qual VOCÊ procuraria encontrar as expressões abaixo no dicionário. Escolha APENAS UMA palavra.

1	acertar na mosca	a) acertar	b) em	c) mosca
2	bater as botas	a) bater	b) a	c) bota
3	chá de cadeira	a) chá b) chá-de-cadeira	c) de	d) cadeira
4	com a faca e o queijo na mão	a) com b) a	c) faca d) e	e) o f) queijo g) em h) mão
5	com o pé atrás	a) com	b) o	c) pé d) atrás
6	descascar um abacaxi	a) descascar	b) um	c) abacaxi
7	engolir sapo	a) engolir	b) sapo	
8	entrar pelo cano	a) entrar	b) por	c) cano
9	lavar as mãos	a) lavar	b) a	c) mão
10	pagar o pato	a) pagar	b) o	c) pato
11	uma pedra no sapato	a) um b) pedra	c) em	d) sapato
12	peixe fora d'água	a) peixe b) peixe fora d'água	c) fora	d) água
13	pendurar as chuteiras	a) pendurar	b) a	c) chuteira
14	pentear macaco	a) pentear	b) macaco	
15	pintar o 7	a) pintar	b) o	c) sete
16	pisar em ovos	a) pisar	b) em	c) ovo
17	pisar na bola	a) pisar	b) em	c) bola
18	pôr a barba de molho	a) pôr b) a	c) barba d) de	e) molho
19	quebrar o galho	a) quebrar	b) o	c) galho
20	quebrar o gelo	a) quebrar	b) o	c) gelo
21	segurar vela	a) segurar	b) vela	
22	sem pé nem cabeça	a) sem b) pé	c) nem d) cabeça	
23	soltar a franga	a) soltar	b) a	c) franga
24	tempestade em copo d'água	a) tempestade em copo b) tempestade	c) em d) copo e) água	

2 5	trocar os pés pelas mãos	a) trocar b) o	c) pé d) por	e) mão
2 6	uma mão lava a outra	a) um b) mão	c) lavar d) outro	

	UFs registradas no DUPB (2002)	preferência de delimitação	sinonímia
1	acertar na mosca	d) acertar na mosca (23) e) na mosca (13) f) não marcou (1)	socar a bota (1) isso! (1) alcançar aquilo que almeja (1)
2	bater (a) bota (s)	d) bater as botas (35) e) bater a bota (1) f) não marcou (0)	ir pro dico (1) passar dessa pra melhor (1) pé junto (1) vestir o paletó de madeira (1)
3	chá-de-cadeira	e) chá-de-cadeira (30) f) chá-de-banco (4) g) chá-de-espera (3) h) não marcou (0)	tédio (1) dar cria (1) ai, que saco! (1)
4	(ter, estar) com a faca e o queijo (na mão)	g) com a faca e o queijo na mão (18) h) ter a faca e o queijo na mão (8) i) estar com a faca e o queijo na mão (12) j) ter a faca e o queijo (0) k) estar com a faca e o queijo (0) l) não marcou (0)	uma mão na roda (1) estar por cima da carniça (1)
5	de pé atrás	h) com o pé atrás (22) i) de pé atrás (0) j) ficar com o pé atrás (13) k) ficar de pé atrás (2) l) estar de pé atrás (0) m) estar com o pé atrás (2) n) não marcou (0)	com a pulga atrás da orelha (1)
6	engolir sapo	d) engolir sapo (31) e) engolir em seco (8) f) não marcou (0)	fazer o que? (1)
7	entrar bem / em fria / pelo cano	e) entrar pelo cano (11) f) entrar bem (0) g) entrar numa fria (27) h) não marcou (0)	ir pelo cano (1) estar num mato sem cachorro (1)
8	pintar e bordar / pintar o caneco/ o sete/ o diabo	f) pintar o 7 (11) g) pintar o caneco (6) h) pintar e bordar (20) i) pintar o diabo (2) j) não marcou (0)	se acabar (1)
9	pôr a barba de molho	h) pôr a barba de molho (13) i) pôr as barbas de molho (5) j) colocar as barbas de molho (3) k) colocar a barba de molho (4) l) deixar as barbas de molho (1) m) deixar a barba de molho (5) n) não marcou (3)	na maciota (1) ficar de orelha em pé (1) se cuida, meu filho (1) ir com calma (1) com o pé atrás (1) devagar (1)
10	segurar (a) vela	d) segurar vela (33) e) segurar a vela (7) f) não marcou (0)	

11	meter os pés pelas mãos	h) trocar os pés pelas mãos (20) i) trocar as mãos pelos pés (0) j) meter os pés pelas mãos (14) k) meter as mãos pelos pés (3) l) enfiar os pés pelas mãos (2) m) enfiar as mãos pelos pés (0) n) pés pelas mãos (0) o) não marcou (0)	enfiar os pés na jaca (1)
----	-------------------------	--	---------------------------

Domínios de Linguagem

## Anexo 5 – Palavra de busca no dicionário: resultados do teste 2

UFs (palavra de entrada no DUPB (2002))		OPÇÕES PARA A BUSCA NO DICIONÁRIO								não marcou	outra
1	acertar na mosca (acertar)	acertar (24)	em (0)	mosca (16)	-	-	-	-	-	-	-
2	bater as botas (bater)	bater (16)	a (0)	bota (21)	-	-	-	-	-	(1)	morrer (1) morte (1)
3	chá de cadeira (chá-de-cadeira)	chá (20)	de (0)	cadeira (14)	chá-de-cadeira (2)	-	-	-	-	(1)	esperar (1) cansaço (1) demora (1)
4	com a faca e o queijo na mão (faca)	com (2)	a (0)	faca (18)	e	o	queijo (8)	em	mão (7)	(2)	bem (1) oportunidade (1)
5	de pé atrás (pé)	de (0)	pé (21)	atrás (17)						(1)	ressabiado (1)
6	descascar um abacaxi (descascar)	descascar (29)	um (0)	abacaxi (9)						(1)	resolver (1)
7	engolir sapo (engolir)	engolir (28)	sapo (11)								aturar (1)
8	entrar pelo cano (entrar)	entrar (11)	por (0)	cano (28)						(1)	
9	lavar as mãos (lavar)	lavar (29)	a	mão (9)							despreocupar-se (1) abandonar (1)
10	pagar o pato (pagar)	pagar (23)	o	pato (14)						(1)	culpa (1) quebrar-se (1) incômodo (1)
11	uma pedra no sapato (pedra)	um	pedra (28)	em (1)	sapato (10)						
12	peixe fora d'água (peixe fora d'água)	peixe (16)	fora (11)	de	água (1)	peixe fora d'água (10)				(1)	excluído (1)
13	pendurar as chuteiras (pendurar)	pendurar (25)	a	chuteira (13)							desistir (1) encerrar (1)
14	pentear macaco (pentear)	pentear (29)	macaco (10)							(1)	
15	pintar o 7 (pintar)	pintar (26)	o	sete (11)						(1)	brincar (1) bagunçar (1)
16	pisar em ovos (pisar)	pisar (25)	em	ovo (13)						(1)	cauteloso (1)
17	pisar na bola (pisar)	pisar (25)	em	bola (11)						(4)	
18	pôr a barba de molho (pôr)	pôr (5)	a	barba (22)	de	molho (11)				(2)	
19	quebrar o galho (quebrar)	quebrar (22)	o	galho (16)						(1)	ajudar (1)
20	quebrar o gelo (quebrar)	quebrar (18)	o	gelo (18)						(3)	descontrair (1)
21	segurar (a) vela (segurar)	segurar (12)	a	vela (26)						(1)	estar sozinho (1)
22	sem pé nem cabeça (pé)	sem (14)	pé (8)	nem (3)	cabeça (11)					(3)	confuso (1)
23	soltar a franga (soltar)	soltar (11)	a	franga (28)						(1)	
24	tempestade em copo d'água (tempestade em copo d'água)	tempestade (29)	em	copo (4)	de	água (1)	tempestade em copo d'água (3)			(1)	exagero (1) dramático (1)
25	trocar os pés pelas mãos (trocar)	trocar (27)	o	pé (3)	por (3)	mão (4)				(1)	enganar-se (1) atrapalhado (1)
26	uma mão lava a outra (mão)	um	mão (7)	lavar (31)	outro					(1)	ajudar (1)